

TESTEMUNHA OCULAR

Posso me considerar um sujeito de sorte, consegui fazer da literatura meu ganha pão. Da janela de meu escritório observo a movimentação cotidiana na região central da cidade, sou verdadeira testemunha ocular dos fatos — cronista do Jornal do Interior.

Trabalho na Avenida Central, principal artéria viária da cidade. Grandes edifícios, públicos e privados, glorificam a admirável arquitetura interiorana; o comércio impulsiona a economia local. A longevidade profissional me proporcionou variadas amizades, em especial as adquiridas em função dos trabalhos no prédio da Justiça do Trabalho.

Ao longo dos anos, as pausas para o café, na Cafeteria Veritas, andar térreo do edifício, me proporcionaram interessante posição — testemunha não arrolada em processos alheios. Explico: sou praticamente patrimônio imaterial da Cafeteria, minha assiduidade faz com que eu tenha a oportunidade do convívio com diversos operadores do Direito — advogados, juízes, oficiais de justiça, técnicos administrativos, peritos. Vez em sempre, ao descer para complementar meu prazeroso ofício, sob o efeito da cafeína, presencio inconfessas conversas de bastidores; impublicáveis em minha coluna diária no Jornal. Como jornalista, comprometo-me com o sigilo de fonte — como se diz no interior "conto o milagre, sem dizer o nome do santo".

Semana passada conversava com dois grandes amigos, o Dr. Joaquim Maria Machado de Assis, juiz na 9ª Vara do Trabalho, e o Dr. José Martiniano de Alencar, renomado advogado trabalhista; falávamos sobre etimologia das palavras: *civitas* do Latim, *polites* do grego — ambas gerando conceitos sociais fundamentais: Cidadania e Política, respectivamente. Entendíamos, como ponto pacífico, que o aprimoramento e construção da cidadania se darão de maneira contínua e permanente, principalmente em relação as vicissitudes de um país em desenvolvimento. Comentei que as lides trabalhistas eram um termômetro desse aspecto:

— Doutores, se me permitem uma peculiaridade, não tenho como não observar, nesta cafeteria, os encontros prévios e posteriores às audiências, realizadas no prédio da Justiça.

O juiz, sob forma de aparte, qualifica o amigo jornalista:

— Ermenegildo Guimarães e eu, estudamos juntos no curso pré-vestibular, compartilhávamos a antiga carteira de madeira, para dois lugares; segui para o serviço público; meu talentoso amigo, para a iniciativa privada.

O jornalista replica:

— Conheço e admiro sua forma de pensar, Machado. Guia-se pelos códigos processuais, todavia, sem se desvencilhar da sensibilidade e percepção apuradas.

— Caro Ermenegildo, como sabes, travo grandes embates com o nobre Machado; o que me faz partilhar da mesma admiração.

— Sabe o que isso tem a ver com cidadania, doutores?

— Diga-nos, Ermenegildo.

— O que presencio aqui na Cafeteria Veritas diz muito sobre a importância do processo de aprimoramento da cidadania: muitas vezes o reclamante é aviltado em seus direitos básicos, percebe-se claramente a negligência por parte do empregador. Em outros casos, eventualmente, o reclamado sofre injunções fantasiosas, sob a face de onerosas indenizações. Percebam o desafio para a balança da Justiça: identificar disparidades, solucionando-as a contento. Como sou figura neutra e discreta, acabo por participar, involuntariamente, desses pleitos; sendo onisciente sobre os fatos — quando estes rompem as celas da obscuridade, apresentando-se nus e crus à minha frente. Sou um mosquitinho, inteirando-me sobre as petições, e degustando saboroso café especial. Inclusive, acredito não haver nome mais apropriado para essa cafeteria.

Machado provoca o amigo:

— Vou te nomear titular da causa, deves saber de muitos detalhes que me escapam, os quais preciso garimpar e perquirir com minha experiência.

— Sim. Acontece, Machado. Mas confio em seus olhos de lince, e na plena capacidade do egrégio Tribunal Regional do Trabalho, como agente de desenvolvimento e construção da cidadania — aparando as arestas que apresentam cotidianamente, proporcionando ao trabalho sua intrínseca proteção, e consequente dignidade.

— Realmente, Ermenegildo. Trabalho árduo para oferecer justiça às partes envolvidas

O advogado complementa:

— É, doutor Machado, por isso a cidadania requer sólida construção, e perene desenvolvimento. Estamos sujeitos às muitas distorções sociais, morais, financeiras.

— Concordo, Alencar. Como juiz e cidadão, jamais me esqueço: todo prisma possui diversas faces.

— Caríssimos amigos, se me dão licença; desci para um breve café. O Jornal do Interior me aguarda.

Machado se despede com o mesmo tom de humor:

— Ainda é cedo, Ermenegildo. Se soubesse de sua eminência parda, o traria como testemunha.

— Só sei que nada sei, Dr. Joaquim Maria Machado de Assis. Aproveitem o café, meus nobres. Recebam o aconchego da *veritas*.

Samuel Macedo Salgado

Empresário